



O que aconteceu com a Bela Adormecida do Paraná?

Texto e fotos: Sandro Fortunato

Quando a matéria “A Bela Adormecida do Paraná” foi disponibilizada no site [O Cruzeiro on line](#), no dia 18 de junho deste ano, não esperávamos tanta repercussão. Recebemos vários e-mails com as mesmas perguntas: O que aconteceu com ela? Como terminou a história?

Vamos lembrar como começou. No final de 1957, a jovem Leci Susana Garcia, então com 17 anos, natural de Londrina, Paraná, estava gripada. Um dia, queixou-se de sonolência. E caiu no maior sono de que sem notícia. Quando a revista *O Cruzeiro* noticiou pela primeira vez o caso da Bela Adormecida do Paraná em sua edição de 26 de março de 1960, Leci dormia há mais de dois anos. Ela foi notícia em Londrina, no Brasil e no mundo. Médicos, religiosos e até paranormais tentaram despertá-la de seu sono.

Corte. Agosto de 2004. Quase 47 anos depois do início dessa história, a reportagem do **Memória Viva** vai encontrar Leci no Conjunto Ernani Moura Lima, em Londrina. O local fica próximo ao aeroporto. É um bairro simples, residencial. O taxista erra a entrada, damos mais uma volta e finalmente chegamos. Logo na casa da esquina nós a encontramos. A plaquinha na modesta residência de cor rosa, que parece abandonada, informa: aquela é a Rua Leci Susana Garcia.

“Ela foi uma noiva que morreu num acidente, não foi?”, pergunta Dona Elza Gonçalves, a mais antiga moradora da rua. Não, Dona Elza, Leci não morreu em um acidente. Ela dormiu. E nunca mais acordou.

Foram quase cinco anos dormindo. A primeira parte dessa história terminou em outubro de 1962. Primeira parte? Sim. Porque depois começa a história da Leci que leva fiéis ao cemitério. Fiéis que acreditam que ela faça milagres. “Eu sou evangélica mas de vez em quando eu apareço lá. Ela atende os pedidos. Uma coisa que eu pedi, ela atendeu”, conta Dona Elza.

Mas voltemos à história do estranho sono. Leci não estava exatamente dormindo. “Para nós, ela estava consciente. A gente conversava e ela respondia (*com pequenos sinais*)”, conta Mauro Antônio Garcia, irmão mais novo de Leci. Da gripe ao sono profundo, foi aproximadamente um mês e meio. “A cada dia, ela tinha uma regressão de movimentos, até entortar a face, ficar com a boca torta, dificuldade de falar, Isso foi gradativo. Cada dia era um sintoma negativo, até entrar em coma”, lembra ele.

Branca Garcia Martinez, a mais nova das quatro irmãs Garcia, conta como tudo começou: “Ela se sentiu mal – estava com gripe –, depois começou a sentir um adormecimento no braço e na perna e foi levada a médicos. Dr. Ascêncio (*veja o box*) foi chamado e constatou que era uma gripe asiática. Depois disso ela foi piorando. Daí constataram que era uma encefalite-a-vírus. Ela foi para Curitiba e voltou bem ruim, já veio desenganada. Ela já foi para Curitiba com o diagnóstico de encefalite e voltou com ‘15 dias de vida’. Com soro, já não comia. Voltou em coma. Entrou em coma profundo e por uns seis ou sete meses ela se alimentou só com soro”.

O caso de Leci logo começou a ser abordado pela imprensa. Primeiramente pelos jornais locais e depois de dois anos pela imprensa nacional. Foi quando apareceu o jornalista Hélio Siqueira, do *Diário de São Paulo*, que esteve em Londrina e começou a fazer reportagens sobre Leci. O caso passou a ter repercussão nacional e chamou a atenção de autoridades como o secretário de Saúde de São Paulo, Fauze Carlos, que se interessou e cedeu um leito no Hospital das Clínicas. Até um avião da FAB - Força Aérea Brasileira estaria à disposição de Leci para levá-la a qualquer lugar do mundo onde pudesse haver uma cura.



Branca e Mauro, irmãos mais novos de Leci Susana, lembram que os pais se dedicaram inteiramente à filha doente e nunca se revoltaram com a situação.

“Tudo que se pensasse, que se imaginasse que alguém pudesse fazer de bom para ela, meu pai ia atrás. Na época existia o Padre de Tambaú (*Pe. Donizetti*), o Zé Arigó (*paranormal que fazia operações espirituais*). Veio gente da Índia, um hindu veio aqui em Londrina fazer trabalhos para ela. Se você chegasse falando ‘eu tenho um poder assim, eu sou um paranormal, eu tenho um dom de receber uma graça de Deus e vou fazer uma coisa para ela, posso fazer uma oração?’ Pode. Esse hindu, através da imprensa brasileira, ficou conhecendo a história. Ele escreveu ao meu pai perguntando se poderia vir e fazer um tratamento nela. Jamais poderia ser dito ‘ela não teve um atendimento assim porque a família não deixou’. Não. Tudo foi tentado”, conta Mauro. A irmã confirma e completa: “As pessoas católicas faziam orações, as irmãs (*do colégio onde estudavam*) faziam orações, o que chegasse a gente aceitava porque era uma esperança”.

No entanto, médico algum jamais deu esperança ao caso. Chegaram a pensar em levar Leci para a Rússia. Foram mandados os exames mas eles disseram “não adianta vir que não tem o quê fazer”. Seus exames foram enviados aos maiores centros neurológicos da época: Rússia, Canadá, Estados Unidos e França. Nunca ninguém disse “ela vai voltar”.

“Tudo que foi falado na parte médica, sempre foi em hipótese” diz o irmão, “foi uma coisa assim: vamos deixar como está para ver como é que fica. Nem medicamento ela tomava. Eram feitos exames periódicos.



Branca Garcia e os recortes de várias matérias sobre a irmã. A divulgação do caso pela imprensa ajudou a chamar a atenção de quem pudesse colaborar.

Todos os médicos falavam que era incrível, pois tudo funcionava como um relógio. Às vezes, a gente percebia, ela ficava muito nervosa. Ela se mordida. Teve época que ela tinha que dormir amarrada porque, à noite, ela levava a mão à boca e se mordida. Chegava a ferir. Deveria ser ansiedade. Para nós, ela estava consciente. No final, pouco antes de morrer, ela balbuciava algumas palavras que nós entendíamos. A gente abria o olho dela e perguntava ‘sabe quem está aqui?’. Às vezes ela fazia assim (*leve movimento com a cabeça*), às vezes balbuciava o nome. Mas não na fase aguda, isso foi depois. A gente percebia que ela tinha consciência. Então esse nervosismo era totalmente compreensível. Ela pensava, raciocinava e não conseguia se expressar”.

Leci era uma jovem “muito divertida, dançava, tocava acordeom, era alegre, uma pessoa super normal, jogava vôlei, namorava”. O noivado estava marcado para abril de 1960, quando ela faria 18 anos. Como ficou doente em novembro do ano anterior, acabou ficando noiva mesmo de cama, estando em coma, por exigência do namorado. Isso foi na época do Natal. “Depois de uns dois anos, dois anos e meio”, conta Branca, “papai disse (*ao noivo*) ‘você está livre e desimpedido para seguir sua vida’ ”. Não havia qualquer expectativa da volta de Leci ao estado consciente.

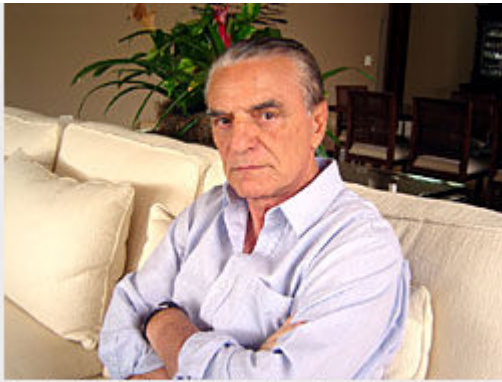
Com a doença de Leci, a rotina na casa dos Garcia mudou. O pai, David, agricultor, passou a dedicar-se quase exclusivamente à filha, fato sempre lembrado nas reportagens e por quem conhecia a família. Dona Rosa, costureira, tinha ainda outros quatro filhos para criar: Maria Nelly, Myriam Estela, Branca e Mauro. “Nós éramos quatro moças e ele (*Mauro*), o caçula. Eu tinha 13 anos nessa época. Ele é dois anos mais novo que eu. Era um drama total. Mamãe vivia quase só em função dela. Era costureira e ainda trabalhava, além de cuidar dela. Se alguém escutasse um barulho, tinha que correr. Ela ficou quase cinco anos na cama e nunca teve uma feridinha. Eles a trocavam de lugar, viravam, levavam para tomar sol”, lembra Branca. “Ela tinha atenção 24 horas. Meus pais ficavam atentos a qualquer movimento. Se ela se mexesse, eles já pulavam para ver, naquela ansiedade de ser uma melhora”, completa o caçula dos Garcia.

E que lição se tira de uma experiência dessas? “Dedicação de pais. Só mesmo pai e mãe para ter tanta dedicação”, responde Branca, “não se revoltaram nunca. Nunca ouvi uma reclamação, um pingo de revolta. Nem depois que ela faleceu”. “Nem ‘tô cansado dessa vida. Por que comigo? Por que aconteceu isso? O que eu fiz para receber esse castigo?’ Nada. Nunca ouvimos nada disso”, diz Mauro, antes da irmã completar: “Foi uma lição de aceitação, de resignação. Se você tem fé, você não se revolta. Para mim, ficou esse exemplo”.

Leci Susana Garcia faleceu no dia 3 de outubro de 1962, quase cinco anos depois de ter começado a dormir. Seu túmulo no Cemitério São Pedro (*veja box*) é um dos mais visitados de Londrina.

Entrevista

Dr. Ascêncio Garcia Lopes, médico



Dr. Ascêncio diz que não havia qualquer "procedimento clínico ou cirúrgico que pudesse chegar a uma cura".

Branca mal lembrava que o Dr. Ascêncio Garcia Lopes já era formado quando Leci ficou doente. "Ele era muito novo, mas já tinha fama de competente", diz ela. Ele tinha 29 anos, formado há dois, pela USP. Atualmente, aos 76 anos, está aposentado. Seu filho – também médico e com o mesmo nome – dá continuidade ao seu trabalho. Dr. Ascêncio fala do caso Leci.

O que o senhor lembra dessa história?

Os pais da Leci eram conhecidos meus de muitos anos, tinham amizade com meu avô. Aconteceu da Leci ficar doente e eles me procuraram, de início, para dar uma opinião. Na fase em que ela estava, apresentava um quadro neurológico. Ela estava totalmente desligada, dormindo mesmo, num sono profundo, que não tinha estímulo algum que fizesse acordá-la.

Naquela época, como se podia diagnosticar isso?

Com exames clínicos. Ela não tinha reação de jeito nenhum. Estava em um estado letárgico, de sono profundo, sem nenhum reflexo presente, a não ser os reflexos fundamentais, de respiração, alimentação. Ela respirava e deglutia normalmente. Eu fazia cirurgia e clínica geral mas, evidentemente, na primeira fase, nós consultamos os neurologistas. E todos chegavam ao mesmo diagnóstico: de um sono profundo, sem atividade, sem nenhum procedimento clínico ou cirúrgico que pudesse chegar a uma cura qualquer.

O diagnóstico era de encefalite-a-vírus?

É. Possivelmente. Naquele tempo não tinha muito recurso laboratorial para a gente chegar a pontos bem determinados. De um modo geral, tínhamos diagnósticos clínicos. Então o que era? Era encefalite? Era. Porque o cérebro dela estava totalmente desorganizado.

Em linguagem leiga, o que é uma encefalite?

A encefalite pode ser por várias causas: a vírus, bacteriológica... Como não se tinha febre, não se tinha um quadro infeccioso agudo, então, achamos que seria uma encefalite-a-vírus, que às vezes não dá febre. Encefalite é uma inflamação do encéfalo. O cérebro fica inchado, aumenta e se desorganiza.

E no caso de uma encefalite-a-vírus, como isso pode ocorrer?

Um micróbio, que se localiza ali, que chega até lá. No caso dela pode ter sido pela gripe e o vírus se localizou no cérebro.

Hoje ela poderia ser curada?

É difícil saber porque a lesão que ela teve era profunda. Não era só um estado de sonolência. Ela estava dormindo mesmo.

O que foi feito então?

Depois de esgotar todos os elementos possíveis para alguma cura – aqui e em São Paulo – chegamos à conclusão de que ela estava em um sono profundo, sem reações de volta. E a nossa função era mais ou menos a seguinte: vamos mantê-la respirando bem, comendo bem, vida vegetativa normal para que não tivesse uma complicação. O que, infelizmente, aconteceu depois. Ela teve uma deglutição de alimentos que foi para o pulmão – em vez de se dirigir para o esôfago e o estômago – e deu uma pneumonia. São as complicações que matam, nesses casos.

Ela teve os cuidados necessários?

O pai parou a vida dele e dedicou-se inteiramente a essa filha. Fazia tudo. Dava banho, lavava, alimentava, fazia exercícios, tudo. Vinte e quatro horas por dia, o pai tomava conta para que ela ficasse perfeita. O cuidado era total. Uma maravilha.

A família tinha impressão que ela respondia...

Sempre quem acompanha a pessoa tem a impressão que consegue entender, que consegue falar... eu nunca escutei ou entendi nada. Era um sono profundo.

O senhor já viu algum caso parecido com esse?

Pessoalmente, não. De leitura, de casos médicos, sim.



Ao entrar no Cemitério São Pedro, em Londrina, basta perguntar a qualquer funcionário onde fica o túmulo da Bela Adormecida que todos saberão responder. É um dos mais visitados. Lá também foram enterrados os pais de Leci. David Garcia faleceu em 1993 e Dona Rosa em setembro do ano passado.

Placas de agradecimento e velas se acumulam no local, não importando a limpeza constante. As pessoas acreditam que Leci atende aos pedidos feitos a ela. Fabricia Martinez, filha de Branca, conta que já viu uma pessoa passando a mão na foto de Leci e depois passando nos olhos.

Quase 50 anos após seu falecimento, o túmulo de Leci continua sendo muito visitado.

Do túmulo brotava água que diziam ser milagrosa. O pai de Leci nunca permitiu qualquer estudo e não incentivava tais crenças. “Eu sou católica. Já pedi graças a ela e fui atendida. Mas eu tenho muita fé. Papai não cultivou isso”, diz Branca.

“Eu tenho minhas crenças, faço minhas orações, mas nunca pedi nada para ela”, comenta Mauro Garcia. “Eu pedi uma vez”, reforça a irmã, “fui ao cemitério e pedi. Não era nada extraordinário, mas fui atendida. E sempre rezo para ela”.

:: Veja matéria sobre Leci na edição de 26 de março de 1960 no site [O Cruzeiro on line](#).

Todos os direitos reservados. ©

É proibida a reprodução do conteúdo de qualquer página deste site em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita do editor de MEMÓRIA VIVA.



Leci era uma jovem "muito divertida, dançava, tocava acordeom, era alegre, uma pessoa super normal, jogava vôlei, namorava".